

Academia Portuguesa

LITERATURA, INFORMAÇÃO E DEFESA DA ACADEMIA
Propriedade da «Academia Portuguesa» (Constituenda)

COLABORADORES

AGOSTINHO FORTES—Director da Faculdade de Letras
SERRAS PEREIRA—Professor do Liceu de Pedro Nunes
HORACIO BENTO GOUVEIA—Professor do Liceu de Alcobaça
ANTONIO MARIA LOPES—Professor e publicista

JOÃO DA SILVA CORREIA—Professor da Faculdade de Lisboa
JARDIM DE MONTE-SÃO—
SANTOS PEREIRA—Professor do Liceu de Viseu
JOAQUIM S. JOCABETTY ROSA—Prof. da Escola Ferreira Borges

A REFORMA LICEAL

E

Os Exames de Admissão ás Faculdades

O programa das línguas nos liceus tal como foi delineado pelo Snr. Dr. Jardim de Monte-São

possibilidade de se possuírem três línguas dê-se preferência a uma delas

Continua o nosso illustre mestre e entrevistado

de ordem geral dadas nas nossas duas palestras tem que bastar, na impossibilidade de ocupar-me de cada disciplina de pe si, e isto por muitas e óbvias razões. Assim, falemos só do programa das línguas e mormente do da francesa.

Quando fiz o meu curso secundário tive letra e ciências até ao sétimo ano; não havia ainda a biturcação na sexta classe. Era, manifestamente um erro que, mais tarde, foi reconhecido. Outro erro, e talvez mais estranho, era o de não comportar o programa estudo da língua inglesa, cujos rudimentos aprendi no curso superior! Havia, porém, o alemão da terceira á sétima classe, seja dito de passagem, no último ano, á andávamos ás voltas com Goethe e Schiller.

Quanto ao francês, ia da segunda á sétima classe de junto com o latim e o português que vinham da primeira classe. O português, não admite sequer discussão; o latim acho bem como está actualmente. Mas, como é que nos meus tempos de liceu se conseguia, na sétima classe, abordar Tácito, Horácio, Virgílio e Cícero? Talvez porque se começava com êle na 1.ª classe. Era latim de mais; mas eu felicito-me de ter tido um professor caturra, no bom sentido, que foi o Dr. Sílvio Pélico Lopes Ferreira Neto, a quem endereço o preito da minha muita gratidão e da minha homenagem, ao professor, ao seu vibrante espírito de artista. Foi êle meu professor cinco anos consecutivos. Assim é que está certo: *seqüência*.

Nêste ano lectivo 32-33, aguardava eu com a maior curiosidade o meu curso de francês do primeiro ano da Faculdade de Letras; isto porque êstes alunos eram os primeiros que abordavam o grupo de Românicas, sem terem tido francês nos dois últimos anos do curso complementar. Por condições particulares acontece que uma parte dos alunos, dois até de pais franceses, alguns ainda com 6.º e 7.º de francês, estão excluídos desta apreciação e acham-se em condições de poder singrar.

E' meu costume, até ao Natal, proceder a uma espécie de iniciação preparatória repousando na moderna ciência fonética, na

linguística funcional e praticamente nos fenómenos duma e doutra. Todavia já me foi dado julgar dos resultados pouco favoráveis da supressão do francês na 5.ª classe, que melhor se dará na terceira, porquanto, uma hora de aula, por semana, nas 4.ª e 5.ª classe, nada ou pouquissimo vale. Salvo os casos especiais que vou de licitar, os meus actuais alunos do 1.º ano imperfeitamente percebem, e nem sempre, o que me ouvem.

—Em Francês!

—Nem mais nem menos. Contra êste facto é que não ha argumento que prevaleça.

Se lhe disser ainda que êsse meu francês é martelado, soletrado, emitido com a preocupação constante dum quasi decalque da construção portugueza, melhor o meu amigo compreenderá a insufficiente preparação que, dum modo geral, é a dos alunos que vieram dum curso complementar de letras onde já não tiveram francês, alunos que se destinavam a «línguas românicas». E, sejamos justos; a culpa não é dêles.

Dois anos sem praticar uma língua, para quem a soubesse regularmente, era um desastre; para quem bem mal a sabia, é... é o quê? E' a esponja passada por sobre os já pouco nítidos traços que teriam possuído.

Vem argumentar-se com o estudo intensivo nas três primeiras classes que deve produzir na intelligência e na memória da criança gravação indelével, vem argumentar-se com a parangona do método directo exemplificando que é êsse o que pratica a criança desde o seu primeiro balbuciar. Argumento captivante de abordar. Mas esquece-se a sobreposição á língua mal imperativa dominadora, esta e tanto mais quanto menor é o poder de abstracção, a possibilidade de liberação da normativa da língua materna.

Não se entenda, ninguém se entenderá, que eu seja adversário do método directo. Sou-o sim, intransigentemente, do método directo integral, que acho atentório das fa-

Continua na 2.ª página

Congresso Académico

Congresso das Escolas Secundárias e Superiores, Técnicas e Clássicas.

Associação Académica de Lisboa, Núcleo de Cultura e Estudos Regionais.

Apoiando a nossa iniciativa, o vibrante colega do Algarve "Alma Académica, em artigo de fundo do último número, da autoria do seu director, Guilherme da Cunha, salienta a importância dum congresso académico instigando-nos a não desanimar e a não nos importarmos com as opiniões daqueles que nada fazem e só sabem (e mal) criticar o trabalho dos outros.

Felicitemo-nos por vermos aquele nosso prestimoso colega integrado nos nossos objectivos e nos fins do congresso, pois diz: **E' para que as nossas reclamações sejam atendidas que se está organizando o nosso congresso.**

A sua realização, cremos, será um facto muito breve.

A imprensa académica está reservado o importante papel de ventilar o assunto, despertando a atenção dos interessados, definindo opiniões sobre o tempo o lugar da sua realização, e marcando posições.

Urge que as Associações Académicas, os Conselhos Escolares onde aquelas não existam, os estudantes onde êstes se não interessem escolham quanto antes os seus delegados—um de cada classe—ao Congresso a fim de êstes poderem, com vagar, elaborar as suas teses, para que com tempo e ponderação possam ser estudadas.

Reforma liceal, reorganização das Associações Académicas com bases no associacionismo geral, organização duma grande Associação Académica em Lisboa, exames de estudo e estágios, regulamentação do uso da capa e batina e tantos outros assuntos, são questões importantes e interessantes que ali poderão ser ventiladas e definitivamente arumadas.

Dr. Mário de Alenquer

Numa casa de saúde de Paris, acaba de falecer há dias o nosso querido professor Dr. Mario de Alenquer.

Espírito culto, professor distinto, tínhamos pela figura do insigne mestre a maior estima e uma compenetrada consideração.

Foi dolorosamente que recebemos a noticia do seu falecimento.

E' com a expressão mais sentida que apresentamos a sua Ex.ª Esposa e a seus filhinhos os nossos sentimentos.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

REFORMA LICEAL

Continuação da 1.ª Página

culdades de apreensão do raciocínio. E' procurar caminhos desconhecidos para chegar a Roma; é aprender, desculpe a vulgaridade da expressão, andar ás marradas. Uma noção genérica, ministrada, a princípio, numa fórmula rígida; em seguida aplicada a numerosos exemplos orais e escritos no quadro; depois outra e outras distribuídas com um fito da concatenização, inscritas tôdas no "caderno diário"... Mas, note bem: desfazendo, por gráus insensíveis, o paralelismo observado entre as duas línguas, durante as primeiras lições...

Ora agora: apresentar-se ao aluno na primeira e segunda lição, meia dúzia de nomes tão sómente precedidos de artigos e, na quarta ou quinta lição, surgirem abruptamente particularidades de toda a espécie: nominais e verbais, insuspeitáveis, estranhas; modismos, idiotismos, etc., porquê, para quê?

Progressividade, tanta quanta se quiser e no ritmo que se puder; mas o jôgo dos quatro cantinhos, dos quarenta dos (n + 1) cantinhos, e à maneira da cabra-cega, isso é assombroso. Um exemplo colhido, hoje, por mim, do vivo: Num liceu de Lisboa, passou-se, a alunos que iniciam a sua terceira classe, um ponto escrito de francês (versão) em que por entre "muchas cosas mas" se tratava do emprego de participios de presente e de gerúndios, devendo o aluno fazer a destriça, nestes últimos, dos casos em que devia empregar-se, ou não antes dêles, a preposição "en".

Diga-me: julga que êsses milhares de portugueses dos quais se pode dizer que falam o francês, seriam capazes de se saírem duma tal dificuldade? Que preparação seria a de criancinhas que pudessem razoavelmente abordar este assunto *no principio* do seu terceiro ano de francês.

Serão êstes pedagogos os defensores "à outrance" do método directo? Scila e Caribdes? Não percebo.

Moralidade:—Que bom que era que êstes alunos prodígios, quando me aparecem na Faculdade, soubessem por exemplo, não esquecer a contracção de "de + les!!" Não exagero, creia. Quantos outros casos tragi-cômicos não poderia eu citar-lhe.

Quere-se que, ao fim do 3.º ano do liceu, crianças de 13 para 14 anos possuam a língua francesa... "la lune, quoi!" dizia Gavroche.

Muito pouco dotados deverão ser os indivíduos que, por exemplo, a tenham praticado em casa na meninice, a tenham estudado sete anos num liceu, uns tantos, mais no ensino superior, em Portugal e numa Faculdade francesa, que tenham vivido uma dúzia de anos de vida francesa, só com francêses, em França, e se permitam ser tão céguinhos ou tão petulantes! A' escolha o qualificativo.

Milagres, não se fazem. A intenção é todavia esplendida. Ninguém mais do que eu desejaria fazê-los neste meu amor, que maior não existirá, pela expansão, pelo conhecimento, tão perfeito quanto possível, da língua francesa, pela alma, pelo génio, pela graça da França bastas vezes mal julgada entre nós.

Cinjamo-nos ao assunto. Urge tornar viável essa boa, essa excelente intenção de dar ao aluno esse instrumento imprescindível que é a língua francesa, do que, não haja ilusões; ela é a única, naturalmente indicada, para o ser; basta que é a mais acessível, o mais afim. Na impossibilidade de se possuírem três línguas razoavelmente, que se dê o predomínio a uma delas. Embarço

de escolha, em consciência, não o vejo. As razões são óbvias. Casos especiais na escolha, hà-os manifestamente. Mas isso faz-se com uma especialização que poderia encontrar-se num futuro programa liceal? Quem é que não desejaria o saber bem três, quatro, cinco línguas?

Coisas excelentes pode havê-las escritas em russo, em sueco, em finlandês, em japonês, como as lia em inglês e em alemão. Mas essas coisas todas, quem se pode gabar de as ler nos originais? Ora essas obras, sendo boas, ou mesmo razoáveis, encontrar-se-hão traduzidas, e bem tradnzidas num idioma que nos é mais acessível. o francês.

Eu seria parcial, mas do que tenho a certeza é que sou sincero, e sinceridade e parcialidade....

O estudante que termina o curso do liceu não sabe, não pode utilizar nenhuma das três línguas estrangeiras que lá aprendem porque entre outras coisas não teve tempo.

Se não prosseguir os seus estudos, terá justamente perdido, durante os dois últimos anos de liceu, os conhecimentos indigeridos, porque indigeríveis, com que o cevaram nas três primeiras classes e que a quarta e a quinta foram já narcotizando. O inglês, nestas quarta e quinta classe, vem-se sobrepondo na sua intensidade, ao francês reduzido a uma hora semanal.

Vem depois o alemão sobrepôr-se ainda; resultado: zero, nenhuma das três valerá nada a não ser que numa Faculdade de Letras se... recomece.

Pois não aparece mais lógico que sem prejuizo do inglês e do alemão se mantenha viva até o 7.º ano (como já se fez) a chama do francês utilizável sempre?

Soluções? Várias creio ter encontrado. 1.ª—Duas horas por semana durante os 7 anos de liceu, levadas a três no sexto e sétimo só para aqueles alunos que se destinem a românicas.

2.ª—Três horas semanais nas três primeiras classes, duas horas em todas as seguintes.

3.ª—Quatro horas semanais nas três primeiras classes; duas na quarta e quinta; três ou uma hora na sexta e sétima conforme o aluno se destine ou se não destine a românicas.

¿E a outras línguas perguntar-se-á? O inglês e o alemão substituirão as horas que não sejam destinadas ao francês na única hipótese da especialização de "germânicas".

Pode parecer á primeira vista que estes projectos só visam alunos que devam ingressar numa Faculdade de Letras, mas, no fundo assim não é; porquanto, nas soluções apresentadas se descremina o espirito de preparação ou de generalização, sendo a segunda delas uma solução neutra e já ensaiada com resultados satisfatórios no nosso ensino secundário.

Fui informado e registei-o com prazer que as instancias superiores desejam dar mais incremento ao ensino da lingua francesa. E' evidente que esta é a verdadeira orientação e mais uma vez patenteia o cuidado com que os assuntos de instrubão são estudados pelo Ex.º Sr. Ministro meu illustre colega na Faculdade de Letras.

Especialização, eficiência: é o lema que preside a todas as reformas. Também na proxima reforma dos estudos superiores esta orientação é indicada e está muito certo. E como estamos falando de línguas, e na minha qualidade de professor de línguas, formulo o meu voto muito caloroso que

Brinde da

Academia Portuguesa

Está definitivamente marcada a lotaria da primeira semana de Fevereiro, dia 4, para ser rifada a pasta oferecida pela "Academia Portuguesa".

Ela caberá, como dissemos, a quem tiver os dois últimos números da terminação da sorte grande (1.º prémio).

Os concorrentes que nos não enviem as suas listas até ao dia 24 para serem publicadas no próximo número não serão incluídos no concurso.

Por não estar ainda organizada a nossa Redacção-Delegada no Porto, não pode a pasta ser adquirida naquela cidade.

Os concorrentes do norte terão de pedir a algum amigo de Lisboa para vir á nossa Redacção munir-se da senha com que ejetuará o pagamento e que vá escolhê-la á fábrica "A Nacional".

Quem terá o melhor palpite?

REFUTANDO...

Lamento duplamente o colega que não tem a coragem moral de assinar o eu nome e o troca escrevendo um pseudónimo ou anagrama, Tidjo Niolópo, e que desconheça quem descobriu a América, atribuindo o descobrimento a Cristovão Colombo.

Ora o colega, (assim o trato)orque julgo que também seja estudante, mesmo doutra maneira não se justificava o seu artigo neste órgão), desconhece o que últimamente se fez sobre este—de facto—dicitado descobrimento. No entanto, ilucida-nos perfeita e nitidamente de que desconhecers melhores passagens da História Marítima

O assunto é vasto e complexo, mas o que desde já lhe participo é que o autêntico descobridor das terras verdes foi, em 1472, o português, Donatário da Tercera, nos Açores, João Vaz Côrte-Real.

Aconselho-o a ler, por exemplo:

"The discovery of north America twenty yeares before Columbus", de autoria do Dr. Sofus Larsen. E, se sobre o assunto quizer mais notas bibliográficas peça-as que muito prazer terei em as fornecer.

Não devo agora, esquecer as obras, sobre ciência náutica, notáveis de dois illustres portugueses e investigadores, o visconde de Santarém e Joaquim de Beusende.

E', também, bom não esquecer, que êstes interessantes trabalhos são muito apreciados pelos prestigiosos nomes de professores eruditos, tais como Clement Markhan, Ravenstein e Gallois.

Assim desaparecerá aquela politica de aventura e acaso a que foram entregues os nossos descobrimentos pela História Marítima do século passado!

Janeiro, 1933.

João Afonso Côrte-Real.

MARMELO E SILVA

"O Homem que abjurou a Sociedade—Crônicas do Amor e do Tempo"

Preço pelo correio, 5\$00

O académico Marmelo e Silva conquistou com esta obra de alto valor, o titulo de *o mais novo literato de Portugal*

Pedidos ao autor:

Liceu de Nuno Álvares—Castelo Branco

Desporto Académico

Afinal a Comissão Elaboradôra dos Estatutos da Associação Académica de Educação Física e Desporto tem trabalhado. As circunstancias, porém, é que tem sido muito desfavoráveis.

A Comissão composta pelos colegas Portela Gomes, quintanista de Medicina, José Julio Moreira, da Escola Superior de Educação Física e Matos Correia, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, começou a trabalhar em dezembro de 1931, apresentando o seu trabalho numa reunião de delegados das diversas escolas realizada em Março de 1932; a época, então próxima dos actos não permitiu que iniciasse nessa altura a organização da Associação e assim adiou-se esta para Novembro, principio do novo ano lectivo. Surge em Agosto o conhecido e criticado decreto das Anotações de estudantes das escolas superiores e de novo se levantam obstáculos á acção da Comissão.

Nesta altura nos jornais da especialidade e na «Academia Portuguesa», eu e os dois colegas, também de Direito e mesmo do terceiro ano, José Gago da Silva e Honório João Barbosa, voltámos a falar de desporto escolar, e da necessidade do agrupamento das escolas na realização desse objetivo.

A nós se vem juntar Carlos Penaforte Costa e passe a expressão, um pouco forte assás legitimamente Portuguesa, começamos a malhar nos pobres comissionados.

Estes, num gesto compreensível de defesa, convocam para uma reunião o José Gago, o Honório e eu, tendo também a intenção de começar José Francisco Viegas, antigo redactor do Sport de Lisboa, não o fazendo por este então estar no Algarve, enfermo. Nessa reunião a que por impossibilidade dos meus colegas só eu assisti, foi-me exposto o teor dos estatutos que, salvo pequenos detalhes, facilmente corrigíveis (como por exemplo o demasiado longo título, «Associação Académica de Educação Física e Desporto», suscintamente substituível por Associação Desportivos dos Estudantes) representa um esplendido e bem urdido trabalho que só honra, e mesmo muito, quem o redigiu.

Embora haja o escôlho do decreto a Comissão prometeu-nos continuar trabalhando, indo solicitar do sr. dr. Gustavo Cordeiro Ramos, Ministro da Instrução, autorização para se poderem agrupar sob a égide da educação física e do desporto. Estamos certos que Sua Excelencia ponderando os objectivos da Associação projectada, permitirá a sua criação.

Num nosso artigo anterior não indicávamos a natação pela razão de, na época própria haver exames e férias e não existir em Lisboa piscina coberta com agua aquecida de que fôsse possível a utilização no inverno. Mesmo assim, posso dizê-lo sem mentir, a Comissão Desportiva da Associação dos Estudantes de Direito pensa organizar em Fevereiro, no Estoril, um torneio de natação inter escolas, para a direcção do qual convidará alguns conhecidos tecnicos deste desporto.

Calheiros Viegas.

LICEU

Explica-se o curso dos liceus a ambos os sexos

Preços módicos

Calçada de S. Vicente, 94-3.º-D.º — Lisboa (junto ao liceu Gil Vicente)

ETERNO LUTO

(Ao meu amigo Manuel H. Barros)

*De negro sempre assim, senhor, vestido
Nem sei que me lembrais com essa côr
Talvez que em vosso peito um ente querido
Lançasse uma profunda e eterna dôr.*

*Vestis sempre de luto; e sempre assim
Passais ante os meus olhos tristemente
Senhor: Quem vos morreu? Se creis em mim
Dizei-me êsse segredo brandamente.*

*Ah! que eu nem sei se vejo nessa côr
Mistérios sempre tristes dum amôr
Imenso que vos faz talvez penar;*

*Nem sei se o vosso luto tão pesado
Encerra algum idílio amortalhado
Envolto em meigo fumo de sonhar.*

Carlos Nunes Figueiredo

Reforma Liceal

Continuação da 2.ª página

tudo se faça para fornecer aos futuros professores de línguas nos liceus, todos os meios de as virem a possuir. A minha opinião é bem clara e bem lógica: tantos quantos sejam os anos de curso superior outros tantos deveriam ser os de curso prático de línguas estrangeiras porque todos serão poucos.

Parece que esta defesa do ensino das línguas, e mormente da francesa, deverá prejudicar o de outras materias? De modo algum. E' que reputo que, nessas matérias, os programas actuais são obêros, pesados e deslocados sôbretudo desde que, não se fizesse a já tão preconizada especialização; mas far-se-á, disso tenho a firme esperança. Pic de la Mirandole houve um, e ficou como um mito; e desde que esse assustador prodígio deixou de existir, já passaram bem mais de quatro séculos e, durante êles, os conhecimentos têm aumentado... *um pouquinho*, não é?

Bem meu amigo terminemos. Disse-lhe alguma coisa que o interessasse? Talvez. A vontade foi boa.

—A vontade foi boa. O Snr. Dr. Jardim de Monte-São nas longas entrevistas com que por vezes receámos enfada-lo foi sempre duma inexcedível amabilidade, daquela amabilidade que lhe é nata.

De quanto o seu depoimento nos interessou, de quanto interesse a todos os académicos ajuizarão os nossos leitores...

Abel dos Santos.

FRANCEZ

Dá lições

Em cursos de 2 alunos

35\$00 por mez — Resposta

Rua Actor Taborda, 27-2-E

LAMEGO

Um grupo de quintanistas do Liceu Latino Coelho desta cidade, foram no mês passado, acompanhados do Ex.º Sr. Dr. Arnaldo Osório, amigo dedicado da Academia, numa excursão instrutiva e amena, dar uma récita, com escolhido e variado programa, a Chaves, à progressiva cidade transmontana, bela rainha do Tamega, em cujas águas risonha e orgulhosa se espalha, e que serenas lhe correm aos pés, depois de terem banhado já durante alguns quilómetros do seu grande curso, o fértil e extenso vale em que ela está situada e que sendo um dos maiores de Portugal e continental, dá a toda a região que abrange, agrícola e comercialmente, uma vida, riqueza e importância excepcionais e características, que poucas terras do nosso paiz possuem.

Chegados á referida cidade, sem nenhum incidente desagradável, ali tivemos á nossa chegada, durante o resto do dia e no Teatro António Granjo, á noite, a mais carinhosa e fidalga recepção, feita por uma grande parte da população citadina, e em especial pela brisa Academia Flaviense, á frente da qual se destacava a figura nobre e influente do inteligente aluno Gentil Valadares, seu esperançoso e simpático presidente, a quem daqui neste momento afectuosamente saudamos e sinceramente agradecemos, envolvendo nesta saudação e no nosso indelevel reconhecimento todos os habitantes de Chaves, em geral, os nossos colegas do Liceu da mesma cidade e a nossa gentil madrinha, Mlle. Idalina Gomes, em particular, pelo bom acolhimento que nos dispensaram e pelas horas de inefável e intenso prazer que nos fizeram viver, que nunca olvidaremos e que, embora por pouco tempo, estreita e fraternalmente nos uniram, num convívio festivo e leal, de uma alegria comunicativa e sã, que só os corações generosos e as almas em flôr da mocidade estudiosa sabem ordinariamente sentir e manifestar.

O académico,
José Manuel Videira Pires

SENHORA

Ensina a lingua franceza, por preços módicos

R. Barão de Sabrosa, 176-1-E.

Direcção de: **Jorge Antunes e
Telmo Felgueiras.**

—:—:—:—

Redacção de: **Azinal Abelho
Carlos Penaforte
José Maria Athayde e
Pimentel Barata.**

EDITORIAL

MIL NOVECENTOS E TRINTA E TRÊS!

Quinze dias já estão passados.

É que novidades e certezas nos trouxeram?

Certezas...? Só uma, a certeza de que vivemos menos quinze dias. A vida, para nós todos que agora habitamos a Terra, tornou-se uma quinzena mais curta. Que ucharia! Todos o sabíamos. E tanto barulho, tantos foguetes, tanto buzinar, tantas reveillons, tantos vivas, pelo aparecimento deste 1933.

Estás desiludido?

Não, só achei pouco cortês o novo ano, devia-nos dar uma primeira quinzena cheia de perspectivas em paga do alarido que fizemos em sua honra. Calcula que ninguém se deitou antes da meia noite por causa do novo ano e afinal... nada de novo.

Entradas de leão...

Tens razão. Esperemos pelas saídas e observemos o decorrer da acção.

Parabens, este número do jornal vem melhor, muito melhor.

Á! você é nosso leitor, não sabia. Obrigado.

Gostei, um formato mais maneirinho e a colaboração mais variada. Devem estar satisfeitos?

Ilusão meu caro. Um bocadinho melhor realmente, mas olhe que ainda não chegou ao limite mínimo dos nossos desejos. Ainda está abaixo.

São exigentes?

Nós não somos exigentes, você é que é benévolo em excesso. Julga então que nós satisfaz uma disposição de artigos inestética, a passarem dumas páginas para as outras, gralhas a cada passo, ausência de artigos palpitantes, falta de secções e muito mais que você nem sonha.

Pois querem ainda mais que isso?

Vem aí um electrico que não posso perder, mas antes de eu partir oiça: você, como bom português que é, está pouco habituado a pensar, pois siga o seu caminho pensando no que pode e deve fazer a gente nova dum país que possui, actualmente na ansia de viver, a gente nova dum país pequeno que quer ser grande, que merece ser grande; e, se não vir o jornal melhorar de número para número fique certo de que estamos contrariados.

Não sabe quanto me alegro ao ver que vocês, os rapazes novos, chamam e reservam um lugar ao vosso lado para nós: as raparigas.

Assim deve ser, já teem a palavra no último numero,

Telmo! Telmo!

Conheço esta voz. De quem é? Aqui na estação a chamarem por mim?

Telmo! Telmo!

Ó! desde a aula das primeiras letras em que a voz rispida da professora me perguntava quantos eram 3 vezes 9 e tu, atrás, escrevias na ardosia, 27.

É verdade! Como te lembrás, assim é a vida.

A Vida, é o 27 nozes fora nada, mas um Nada onde está a essência, o TUDO, o FUTURO.

Deves ter razão. Eu também acho que a Vida não é uma ironia, como todos dizem. Tam cheia de desgraças, de desigualdades!

E sabes porquê? Porque a Vida é como duas gargalhadas alvares dadas entre duas serras: a serra da FELICIDADE e a seria da DESGRAÇA. Essas gargalhadas teem cada uma delas, como consequência, o eco: o eco da FELICIDADE e o eco da DESGRAÇA que se envolvem—e eis a VIDA—e se vão repercutindo — e eis a MORTE.

Mas se assim é todas as vidas deviam ser iguais?!

E porque as gargalhadas não são dadas com a mesma intensidade. A mais fraca produz menor eco, e esse eco é uma parte da VIDA. E assim, uns são mais felizes outros mais desgraçados. A felicidade só existe quando as gargalhadas teem a mesma intensidade! Existiu só a FELICIDADE é prejudicial, torna-nos Infelizes! Parece um paradoxo. Mas é que temos que conhecer também a DESGRAÇA para podermos avaliar e compreender a primeira. A Felicidade em excesso traz a monotonia, a indiferença na Vida. A Desgraça prevalecendo traz a Revolta, a Ira.

«E o «um, nove e trinta e três e é a grande».

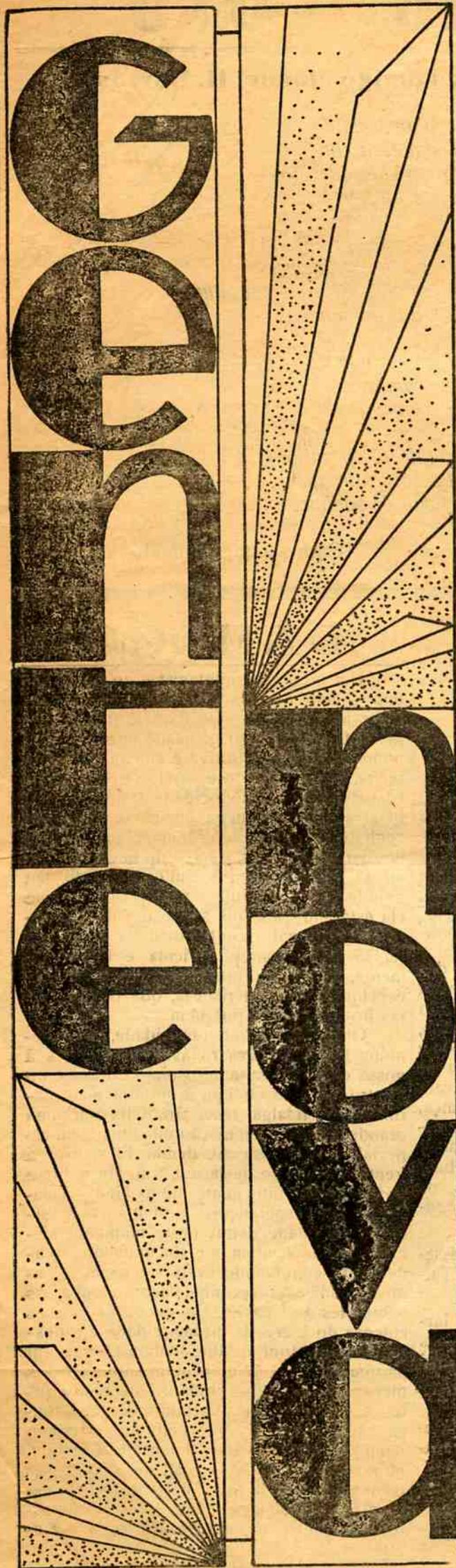
«Chauffeur» pare, pare, chame o cauteleiro.

Dê cá todo o jogo. Depressa, o taxi está a contar. Quanto devo?

Sabem... saiu branco! BRANCO a côr da pureza. Que esperança, que fé eu tenho agora neste novo ano de MIL NOVECENTOS E TRINTA E TRÊS.

É a ti, Jorge Antunes, que eu dedico este artigo. É provavel que não concordes.

Continua na 5.ª página



Arte—Literatura—Crítica—Desporto
Teatro—Cinema—Musica

A fusão dos jornais

“Academia Portuguesa” e “Gente Nova”

É o maior gesto de
SOLIDARIEDADE ACADEMICA

EDITORIAL

**

LEITOR: são para ti agora as minhas palavras. Adivinho nos teus olhos que não vejo, que me estás a chamar pertencioso, pseudo-futurista, futil. . . enfim, todos esses termos que provavelmente não sabes o que significam senão de vista.

Chamar a isto um EDITORIAL?!

Calcula que extravagancia! Olha: "quando apareceu a primeira coisa diferente não havia outra igual" diria o Dr. Assis se fosse vivo.

Palavras escritas umas vezes com letras minúsculas, outras com maiúsculas e outras ainda com maiúscula só no princípio!

Repara e verás, que estão empregadas com diferentes aceções.

Desculpa-me, eu sou um NOVO, não podem esperar de mim coisas velhas.

LEITOR, oiço novamente o pregão!

«É o um, nove e trinta e três, e é a grande».

Já não vou comprar. Tenho medo que me saia premiado. Era a minha Esperança desfeita.

Telmo Felgueiras.

Titans vencidos

Tenho ainda gravada no meu cerebro a impressão que me causou ha bem pouco tempo a tragédia do «Georges Philinar». Nesse dia, como nos dias que se seguiram á catastrophe que fêz perder á França um dos seus melhores paquêtes e o grande jornalista Alberto Londrés, eu vi horas duma emoção imensa, daquelas emoções que não desaparecem bruscamente.

Surgiram hipoteses, profundaram-se assuntos melindrosos; o index justiceiro caiu sobre êste e sobre aquêle, mas, na verdade, tudo ficou em branco, em vão — tudo ficou por esclarecer... E a Marinha Mercante francesa assistiu ao corte duma das suas unidades que era todo o orgulho dum povo trabalhador, e que, ao Oriente, enviava uma amostra dessa sua actividade.

Pouco tempo vai passado depois do acontecimento que enlutou uma nação, que fêz vestir crepes ao mundo inteiro. Aquela abateu uma das suas obras; a este fenecceu uma massa de almas viventes que, as chammas e as vagas, chamavam a si...

Entretanto, o destino parece preocupar-se com a atenção dos homens, para casos que eles deixam passar impunemente.

Há dias, as agencias apressam-se a enviar para o nosso planeta, para correr a roda, alarmante, alitativo, pugante, como uma sirene do bombeiro, um rádio angustioso: «L'Atlantique» arde!

E o mundo, novamente desperta, a esta noticia fúnebre amiga e companheira da antecedente.

—«L'Atlantique» arde ainda!—são as novas mais frescas e mais cruéis, mais recentes e indesejadas.

Tudo está suspenso, vibram os nervos. Que fazer? Não se sabe o que se quer. Todos em unísono dizem o mesmo.

—«L'Atlantique» perdeu-se por completo—foi o ultimo alarme, foi o derradeiro suspiro que o telegrafo, exausto do seu tique-taquear, nos enviou.

Desta vez o choque para nós foi maior do que o do «Georges Philipar».

Volta não volta, «L'Atlantique» potente e gigantesco, apartava as aguas do Tejo e, vogando magestoso, abordava a uma muralha do porto da capital portuguesa.

—«L'Atlantique» está em Lisboa!

—Temos cá o «L'Atlantique»!

E toda a gente queria ver os lindos campos de jogos, as sumptuosas salas, as ruas do monstruoso marítimo.

A' noite o barco era uma cidade cheia de luzes, rodeada de conforto.

Por conhece-lo sentimos maior abalo com esta catastrophe.

Do transatlantico restam agora uma

carcassa, um montão de destroços, uns espectros sinistros.

Para afixar mais ainda a atenção do homem sobre um, surge em seguida outro aviso intrigante: a bordo do «France» declarou-se incendio.

—Que significará isto?

Quem maneja ás occultas? Que força mefistofélica gargalha sofregamente?

E' melindroso apontar um alvo. Neste momento ficam as interrogações como sinais da nossa desconfiança. Um dia, mais tranquilos, os animos, virão as afirmações.

Jorge Antunes.

O Ensino Particular

À «Academia Portuguesa» diz da sua justiça sobre a visita á Escola Portugal-Brasil

Afim de continuarmos o nosso inquérito dirigimo-nos á Escola Portugal-Brasil, estadao as suas modestas dependências instaladas num edificio da R. de Buenos Aires, 19, (á Estrêla).

Hoje, infelizmente, já temos alguma coisa a dizer que não é de todo favorável á Direcção desta.

Asim, as impressões colhidas sobre as condições pedagógicas, são boas. O seu corpo docente revelou-nos quanto desveladamente ministram a instrução ás criancinhas educandas.

Contudo—reconhecendo ainda que é uma escola relativamente nova—nctamos as aulas um tanto acanhadas.

Carteiras carcomidas.

Pouco material didático e êsse pouco precisa ser restaurado.

Todavia não nos deixou impressão o seu corpo docente.

O modo como é recitudo é interessante:

As diversas professoras são filhas da Directora, isto é, professoras e alunos é tudo uma grande familia. Sendo as professoras uma familia única. Consequentemente daí advem um maior prestigio e não menor engrandecimento para esta escola.

A sua Directora, Pr. Maria da Ascenção Ribeiro, publicou um livro para os pequeninos, intitulado «Método de Escrita e Leitura».

Faz parte do corpo docente desta escola o distinto professor Ladislau Batalha.

A sua Directora mostrou-nos o máximo empenho em possuir maiores instalações. Que em tudo quanto pretenda pôr em pratica, a bem da Instrução, seja bem sucedida, são os nossos maiores desejos.

FRANCES

Pronto a falar em sete semanas

inglês, latim, curso geral dos liceus, cada 35\$00, trad. Fréhou

R. da Rosa, 177, 4.-E.—LISBOA

Mosaico de côres

Maneiras práticas

Não compreendemos bem o que significará isto das mulheres andarem de casaco preto e saia encarnada.

Uma casaquinha, que é uma jaleca como a dos toureiros, curtinha, justa ao corpo que oscila, modelando as linhas harmoniosas dos corpos femininos, e um pedaço de trapo, á volta das pernas, em forma de saia, está bem, não tem importancia de maior.

Mas as côres, com franqueza, trazem agua no bico...

—:

Chegar, marcar e conquistar

José Santa, foi de abalada até ao país dos dolares, e nem nos disse «agua vai». As noticias que sabemos dele são por intermédio das agencias, comunicando aos rotativos mais um sóco, menos um sóco, que o nosso «Camarão» dá e leva lá por fóra.

Mas há dias, em lugar duma nova do ring, appare eu-nos uma bisbilhotice sobre a sua vida particular. Santa casou, gosou as delicias do seu amor, vai-se divorciar, e casar com outra americana... Não é impunemente que se vai á América...

Dr. José de Assis Pacheco

Retirou-se para Coimbra o nosso particular amigo Assis Pacheco, da Faculdade de Medicina, aonde já, como Redactor-Delegado começou a tratar de assuntos de interesse á vida do nosso quizenário.

Secção feminina

Por absoluta falta de espaço não se publica neste numero a secção feminina, pelo que pedimos desculpa ás nossas gentis leitoras e colaboradoras.

Correspondentes da "Gente Nova"

No liceu Passos Manuel os nossos colegas Albino Correia e Fernando Ferreira da Silva.

Em Ponta Delgada, o nosso colega António Vicente Mota Alcantara.

No liceu Bocage, de Setubal, o nosso querido colega e amigo José da Silva Leite.

GRALHAS

Os ultimos numeros dos nossos jornais tem saído com uma abundancia de gralhas, devéras lamentavel.

Devemos salientar principalmente os artigos de Azinhal Abelho e Telmo Felgueiras e o do discurso «Novos de Portugal» do Sr. Manuel Gomes dos Santos.

20:00

Este é o preço por que V.

Ex.^a tem UMA CANETA

com aparo de ouro 14 ku.

Havaneza de S. Domingos

15, Rua Barros Queiroz, 17

Concertam-se e vendem-se soltas todas as peças. Aparos, borrachas, tintas, especiaes, etc. etc.

Desporto Escolar

Não venho novamente proclamar as vantagens da prática do Desporto nas Escolas, porque está provado que isso corresponde a prégar no deserto. Se mais uma vez recorro ao título acima, é unicamente para informar os estimados leitores da «Academia Portuguesa», que devido á iniciativa de dois portuenses, vão ser reatadas as relações desportivas entre as Academias do Porto e de Lisboa. Trabalha-se afanosamente para a proxima realização do Porto-Lisboa academico e esperamos que os organizadores, vejam as suss bem intencionadas demarches, coroadas do melhor exito.

O inter-cambio desportivo das duas primeiras cidades do País, é absolutamente necessário.

Escusado será enumerar o brilhantismo de que estes jogos se vão revestir, dada a maneira como as selecções eram constituídas. Para falar nos indiscutíveis, o quadro de Lisboa, apresentará os conhecidos e cousagrados internacionais João Belo e Valadas que enfrentarão entre outros de reconhecido valor Lopes Carneiro, Gil, Mineiro, etc.

Torna-se absolutamente necessário que as entidades competentes cheguem a um acordo e que só um fim tenham em vista. Concorrer para o desenvolvimento do Foot Ball escolar, e estreitar os laços de amizade já existentes entre Lisboa e Porto.

Mario Braga

Viana do Castelo

Escola Comercial e Industrial de Nun'Alvares

Desde o primeiro dia em que êsts estabelecimento de ensino abriu as suas portas, iniciando a missão altíssima para que foi instituído, tem sido dotado de diversos Directores mais ou menos cumpridores da pesada missão que desempenham.

Hoje, porém, é um dever de profunda gratidão inserir nas columnas deste baluarte académico o nome do actual Director Snr. Bento Candido da Silva, professor exemplar, cumpridor pos seus deveres, possuindo um método de ensino inigualável.

Desejaria expor, não digo tôdas, mas sim algumas qualidades que pos-ue, mas ser-me-ia impossivel porque ocuparia muito espaço e, além di so, as qualidades diamantinas do grande mestre estão bem patentes na classe do imenso professorado técnico.

Todos os vianenses dignos dêste honroso nome se devem orgulhar por terem na «Escola Industrial e Comercial de Nun'Alvares» um Director cujos serviços tão valiosos e apreciáveis tem dado uma incremência verdadeiramente notável ao referido estabelecimento.

Viana-a linda-cujos pés são beijado pelas águas mansas do impávido Lima, ufanar-se -á com o seu estabelecimento. se os seus académicos souberem compreender o valor do seu Director e dos seus exemplares professores.

Especialização no ensino moderno de línguas

INGLÊS, ALEMÃO E FRANCÊS

Avenida da Liberdade, 224, 1.º Dt.

LISBOA

A Academia Portuguesa

Em Braga

VOU PARTIR

Vou partir p'ra bem longe de ti,
Vou partir, não me sigas, mulher,
Não tortures mais tempo a minh'alma,
Vou partir, o destino o requer.

Vou partir, não te quero vêr mais,
Vou partir p'ra não mais me lembrares,
Vou-me embora, mulher não me sigas,
Vou partir p'ra não ver teus olhares.

Vou partir porque aqui não estou bem,
Vou partir, pois senão enlouqueço,
Bem conheço quem és e quem sou,
Vou partir para ver se te esqueço.

Vou partir, vou curar o meu peito,
Vou partir, vou remédio buscar;
Seguirei pelo mundo outro rumo,
Vou partir p'ra não mais cá voltar.

Vou partir pela estrada da vida,
Vou partir sem destino nem morte;
Esquendo-me esqueces um louco:
Vou partir, vou lutar com a sorte.

Vou partir, vou quebrar uma jura,
Vou partir, vou lutar por teu bem;
Pois terás quem te faça feliz
Vou partir, só com Deus, mais ninguém.

Vou partir, tu não chores, tontinha,
Vou partir para não te lembrar,
Vou partir, tu não podes ser minha,
Vou partir p'ra não mais cá voltar.

Vou partir para terras distantes,
Vou partir sobre as águas do mar,
Vou partir, esquecer uns instantes,
Que não posso da mente apagar!

Entre nós, tudo acabou,
Restam porém pensamentos,
Restam do amor incrementos
Que é preciso devastar.

Entre nós tudo acabou,
Só em ti inda eu existo
E dentro em mim tenho visto
A tua imagem reinar.

Como não posso ser teu,
Caminho além vou seguir,
Para longe vou partir
Sem destino nem guarida.

Como não posso ser teu
E minha não podes ser,
Faz tudo p'ra me esquecer
E, Adeus até á outra vida!

BRAGA

Afonso Henriques Ribeiro da Cunha (C. de Bidassóa)

E' só para louvar a incansável comissão composta pelos Sns. Alberto de Castro, José da Silva Braga, José Angelo Vaz e também o corpo docente da Escola I. e C. de Nun'Alvares para efectivarem a recita de gala realizada para comemoração do 1.º de Dezembro.

Apenas lastimo a critica imerecida, que um certo cavalheiro fez publicar num jornal local e que me levou a crêr que de critico... está longe.

Creio, que esse cavalheiro instigado por um acto de perversidade, desejou expôr mais uma vez as suas qualidades como crítico ao gentil povo vianense, mas duma maneira rude e imprópria para a imprensa.

E' a cavalheiros desta forç, que eu chamo a atenção para o anexam «Quem te manda a ti sapateiro tocar violão.»

Agradeço o convite que a gentil rapaziada me enviou e faço votos porque espectaculos desta natureza, se repitam inúmeras vezes.

Manuel Gomes de Azevedo

Ninharias

O restricto limite de 36 admissões de cada sexo ás Escolas do M. Primário, é no parecer de todos, motivo justificavel de verdadeiro desânimo. Centenas de rapazes, na cidade alegre e laborioso, vêm surgir no seu pequenino campo de esperanças, um futuro pouco ou nada prometedor. As dificuldades que de ano a ano opoem aos estudantes é barreira demañada ingreme para se vencer. Muitos, em frente dêstes insuperáveis obstáculos, deixam os seus estudos incompletos por falta de meios. Outros, não podendo levar alto as suas aspirações, procuram um curso modesto que os possa precaver de vicissitudes futuras.

Nêste curso estão as escolas do M. Primário.

Continua no proximo numero

A "Academia Portuguesa" no Porto

Exames de frequência

Eis uma muito debatida questão no Ensino Superior — os exames de frequência. Introduzidos êstes nas Universidades, muitas e diversas opiniões se manifestaram, não só entre os Corpos Docentes como Discentes.

Vamos unicamente discutir êstes exames sob o ponto de vista da sua eficiência.

O aluno que se sujeita a estas provas, uma em cada trimestre, é apenas obrigado a estudar de cada vez, um terço da matéria, e este mesmo por alto, pois que sendo êstes exames realizados durante o período de aulas, não poderá haver o necessário rigor, antes pelo contrário, o professor terá de fechar os olhos a certas faltas, notavelmente se elas dizem respeito às partes mais difíceis do programa. Assim por exemplo, nos exames de frequência de Matemática, é em geral exigida apenas a parte prática da matéria, sob a forma de exercícios.

O aluno no pequeno espaço de tempo que lhe é deixado livre pelas aulas, mal pode tomar conhecimento com a matéria e é com um extraordinário «tour de force» que ele consegue levar a cabo uma prova, que embora muito simplificada, a lei o obriga a prestar.

Feito o primeiro exame e supondo que o aluno tenha obtido a média necessária, é êle sujeito ao segundo exame. Êste versará sobre a matéria que foi ensinada no segundo trimestre, de modo que o aluno deixará de parte a que aprendeu no primeiro trimestre, e fará a mesma preparação superficial. O mesmo se diz para o terceiro exame.

Suponhamos que um estudante tenha obtido nas três provas que realizou, a média necessária para ser dispensado do exame final, e comparemos êste aluno com outro que seja obrigado a esta prova.

Com igualdade de classificações qual deles ficou a conhecer melhor a matéria?

O primeiro aluno estudou o programa muito superficialmente e aos poucos, sem que tenha ficado com uma visão de conjunto, que é o fundamental numa ciência. O segundo aluno será obrigado a estudar a matéria toda, dum só vez, embrenhando-se nas mais difíceis considerações, para se poder sujeitar às contingências dum exame final, em regra difícil e laborioso. Êste aluno auxiliado pelos conhecimentos que lhes ficaram de ter frequentado os trabalhos práticos, ficará com muito mais sólido conhecimento da cadeira

do que o outro que com uma classificação igual á sua seguiu o regime dos exames.

Estas conclusões foram-nos sugeridas por privarmos bastante com alunos que seguiram reformas de ensino diferentes.

T. R.

Liceu Alexandre Herculano

Não foi com flores, nem com aquêl entusiasmo que outrora tanto caracterisava o nosso estudante, que a «Academia Portuguesa» foi recebida neste Liceu.

Não lhe moveram guerra; mas, no entanto, não a receberam com aquêl carinho e afeição que era de esperar, tratando-se, como se tratava, dum jornal académico, defensor dos sagrados direitos de todo o estudante.

A indiferença com que a «Academia Portuguesa» aqui foi recebida pelos nossos colegas, principalmente por aquêles que já têm a noção bem nitida do que seja a colectividade académica e qual a finalidade a que tende, demonstra bem o que, já uma vez, afirmamos, dizendo, que a academia nesta invicta e leal cidade eram uma figura apagada.

Sabe-se que há no Porto estudantes porque existe a Universidade e liceus; do contrário não se saberia. Porque?

Porque não há, por assim dizer, uma manifestação de vida que demonstre a actividade académica na reivindicação dos seus mais nobres e justos idiaes.

Acordai, pois, ó estudantes portuenses, do marasmo em que tendes vivido, e mostrai aos outros que em nós ainda não morreu aquela pujança e vigor de outrora; que ainda vive e floresce, nos corações de toaos nós, o mesmo amor e o mesmo entusiasmo que, em épocas passadas, aureolaram tantos colegas nossos!

* * *

E' de lamentar que até agora ainda não se elegendessem os membros da «Associação Académica» d'êste liceu.

A princípio, tudo nos levava a crer que a sua realização seria um facto, mas, devido, talvez, a interesses meramente pessoais, de supremacia intelectual, tudo ficou como dantes.

Estamos convencidos de que, aquêles que no princípio tam interessados se mostraram, não vão já pôr ao esquecimento a obra que dignamente encetaram.

Mãos á obra e deixemo-nos de preconceitos vãos que nada valem.

* * *

Inaugurou-se, há pouco, a cantina d'êste liceu que, instalada numa ampla sala e com artístico e bem adequado mobiliário, deslumbra e fascina.

E' um melhoramento que, completando o traçado d'êste liceu, sem dúvida, o maior do país, vem prestar um grande beneficio aos professores e alunos que morem longe. Para admirar-se a sua grandeza, basta dizer-se que 100 alunos podem ser servidos a um tempo ao som harmonioso da musica de dois rádios.

Maximiano P. Cirne.

As instalações do Instituto Industrial e Comercial do Porto

O Instituto Industrial e Comercial do Porto que actualmente conta algumas centenas de alunos, tem sido por vezes ameaçado do privação das suas precárias instalações. Nos ultimos a os, varias tentativas se tem feito para que ele seja desalojado do Edificio da Universidade, onde se encontra instalados há muitos anos, e se não fora a dedicação e zêlo do seu ex-Director Sr. Alfredo Henriques da Silva, já os Institutos Tecnicos do Porto tinham ido fazer companhia aos seus congêneres de Coimbra.

Há muito tempo, que foram adquiridos pelo Estado, uns vastos terrenos para a construção dum edificio próprio. Porém, até hoje, não foi destacada ainda a verba indispensavel para essa construção.

O problema da instalação dos diversos estabelecimentos de Ensino da cidade do Porto, tem merecido a melhor atenção do Governo, e a atestar esta afirmação, temos os predios construidos recentemente das Faculdade de Engenharia e Medicina, Liceu Rodrigues de Freitas e Escola Industrial Infante D. Henrique, construções modernas e amplas, que permitem o amplo funcionamento das aulas. No entanto, quanto ao Instituto, nada de positivo se tem feito.

No Edificio da Universidade, acham-se instaladas além dos Institutos Tecnicos, as Faculdades de Ciencias e Engenharia, visto esta ultima não ter ainda passado para o seu novo predio. A Faculdade de Ciencias, tem-se queixado igualmente e com certa razão, da deficiencia das suas instalações, pois encontrando-se nela matriculados muitos alunos não possui as dependencias necessarias para a sua acomodação. Dela tem partido os principais ataques ao Instituto. O seu caso, deve ficar resolvido, com a próxima saída da Faculdade Tecnica de Engenharia.

Porém, os Institutos, ficarão na mesma, isto é, limitados a onze pequenas salas, onde é obrigado a dar todas as suas aulas á excepção das oficinas que distam aproximadamente 2000 metros.

Urge por conseguinte, ampliar as instalações dum Estabelecimento absolutamente indispensavel no Norte do País, que tem excellentes condições de vida, dando assim as comodidades a que tem justo direito os seus numerosos alunos que pagaram as suas matriculas.

Mario Braga.

Pensão Gonçalves

Rua Luciano Cordeiro, 8

Telefone N. 5236

Comida com abundancia e cozinhada com o maximo asseio

Preços módicos

Jantares para fóra, desde 6\$00

Propagai e defendei a

Academia Portuguesa

Redacção e Administração:

Av. Almirante Reis, 121—Telefone n. 1008

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

ABEL DO SANTOS

Redactor Principal—José Francisco Viegas

Comp. e Imp. na «Tipografia Aguedense»
Rua da Venda Nova—AGUEDA**ACADEMIA PORTUGUESA**

FILIADO NO SINDICATO DA IMPRENSA PORTUGUESA

N.º avulso, \$50—5 núm., 2\$50—12 num., 6\$00—25 núm., 12\$00—52 num., 25\$00

Castelo Branco**Exames de Admissão ás Faculdades**

De nenhum estudante é desconhecido o decreto que, obriga os alunos que desejem seguir um curso nas Faculdades, a fazerem o chamado Exame de Admissão ás Faculdades. Para que serve esse exame? é uma pergunta que todos têm formulado e continuam a formular porque não há um motivo plausível que os explique seja qual for o fulcro em que se apoiem os que tentem defender a tese desses exames. É evidente, até aos espíritos mais obscuros que para os estudantes esses exames têm um fim, ou antes em última análise conseguir o menor número possível dos que se possam sentar nos bancos Universitários.

Além disso, há mais, para que servem esses exames havendo os exames da 7.ª classe dos Liceus? Se o aluno fica aprovado no exame da 7.ª classe é evidente que sabe o que o programa lhe exige; ora se o aluno se encontra na 7.ª classe, sabe com certeza o programa dos Liceus e, sabendo o programa dos Liceus para que se lhes exige um exame em que, em face da lei, não lhe podem ser formuladas questões que saiam do âmbito desse programa?

Para que se lhe exige a classificação de 12 valores—notem bem—para ser admitido nas Faculdades?

A resposta é simples e concludente—exige-se tudo isso, para restringir quanto possível a frequência Universitária. Isto é o mesmo que dificultar o ensino áqueles que o pretendem. Não, esse decreto tem de ser revogado, pois não o sendo, 70 a 80 % dos alunos dos Liceus não conseguem obter os 12 valores que a lei exige, o que se á penoso na época que atravessamos, época de crise e época de amargura. Quantos não são os sacrificios feitos pela maioria dos pais dos alunos, para conseguir que eles adquiram uma boa posição. No fim de 7 anos, no caso de não perder nenhum, e ao fim de tantos sacrificios, entrar-se um curso áqueles que pretendem ilustrar-se. Não, não pode ser.

Todos devem confiar em que S. Ex.ª o Snr. Ministro da Instrução, mais uma vez fará a vontade suprema dos Académicos.

Airmand.

* * *

Está já constituída a direcção Académica do nosso liceu, sendo eleito presidente, por maioria de votos, em assembleia geral dos estudantes e com a presença do nosso Ex.º Reitor, o aluno, Manuel A. Cheira.

—Fundaram-se, no presente ano lectivo, a caixa escolar e as diferentes secções: conferencista, dramática, jornalística, de festas e desportista. Cada secção é constituída por uma direcção com um presidente e dois vogais.

Tôdas estas secções activaram dentro do seu campo próprio, desenvolvendo vida e actividade, convergindo, assim, a atenção dos alunos no liceu.

Haverá mais reuniões e saraus que se julguem oportunas e de conveniência.

O nosso Ex.º Reitor presidirá e será sempre de seu assentimento qualquer resolução.

O nosso liceu de 700 alunos de frequência requiere incontestavelmente meios que atraiam os alunos e lhes despertem o interesse, não só para lhes tornar a vida de estudos mais lisonjeira, mas ainda para lhes servirem de frutos pela vida fóra.

—A Caixa ou bolsa de fundos escolares, de que a maior parte dos alunos, pelo menos, devem ser sócios, pelas prerogativas de toda a espécie que apresenta, o seu fim será não só filantrópico mas também auxiliar as diferentes secções, o movimento escolar, proporcionando-nos diversões de interesse a instructivas e, além disso, subsidiando excursões, récitas e outros actos de conveniência académica.

Com o bom funcionamento e organização das novas secções, esperamos dentro do nosso liceu, em breve, vida e movimento. Disto se encarregarão e porão todo o seu empenho as direcções das mesmas.

Raul M. Louro.

O uso da Capa e Batina

Em resposta ao nosso inquerito que está despertando o maior interesse, transcrevemos mais duas cartas das muitas que iremos publicando:

Porto—Janeiro de 1933.

Camaradas:

O uso da "capa e batina" tem sido a causa entre todos os estudantes, de muitas desavenças e lutas, trazendo á Academia desunião e desprestígio.

Emquanto nos outros paizes, os nossos colegas orientados pelo mesmo lema: "união", formam federações para melhor defenderem os interesses comuns, nós preocupamo-nos em descobrir pretextos para que haja a desarmonia entre a nossa classe.

Como estudante liberal, defendo desasombradamente o direito de todos os estudantes usarem "a capa e batina", frequentemente elles escolas officiais ou particulares.

Na minha maneira de ver, até os próprios alunos das escolas primárias a poderiam usar, porque são estudantes como nós e como nós devem ter as mesmas regalias.

Que diferença existe entre um aluno que frequenta o liceu numa Escola do Estado e outro que frequenta o liceu numa Escola particular? Não estão ambos sujeitos ao mesmo exame, não sofrem ambos a dureza das leis emanadas do Ministério da Instrução?

A nossa máxima aspiração deve ser: fazer nascer entre nós todos uma camaradagem sólida, para que unidos possamos lutar pelos nossos justos interesses.

António Lobão Vital.

Tambem o veterano académico, Snr. Delfim Teixeira da Mota, de Mondim de Basto, diz:

"Os alunos dos Institutos de E. N. não podem usar capa e batina porque não frequentam estabelecimentos officiais de ensino.

Além disso ainda que esses institutos tivessem caracter official não seria isso razão sufficiente para poderem usar capa, por-

que estabelecimentos há que apesar de officiais não teem essa regalia".

:—:

N. R.—O argumento «a fortiori» apresentado pelo colega Delfim Teixeira, não pode deixar de ser tido em consideração. Interessante, porém, seria concretizar, pois as opiniões são assás divergentes.

SINDICATO DA IMPRENSA PORTUGUESA

Só agora tivemos conhecimento que o Sr. Duarte Costa, secretário deste Sindicato, foi ao Porto, intitulado-se secretário das cadeias—donde foi expulso—pedindo aos consócios do norte que lhe passassem procurações para os representar nas assembleias gerais extraordinárias realizadas no ultimo ano, pois—dizia—obtivera para os sócios do sindicato A CARTEIRA DIPLOMATICA

O que é que um e outros entenderem por isso? E os jornalistas do Norte nisso!... Não admira que nós também há pouco que o conhecemos.

VIDA ASSOCIATIVA**Faculdade de Direito de Lisboa**

A Associação Académica dos estudantes de Direito que se tem manifestado como o agrupamento escolar mais desportivo, nomeou já a sua comissão desportiva e iniciou a sua actividade.

A Comissão ficou assim constituída:

Presidente—Francisco Bigote (III ano).

Secretário—Calheiros Viegas (III ano).

Vogais—Honório Barbosa (III ano) e Azevedo Coutinho (II ano),

O onze de foot-ball da A. E. D., campeão escolar 1930-31 e 1931-32, deslocou-se a Portalegre onde se defrontou com o campeão local, Grupo Desportivo Portaleguense, perdendo após um interessante e renhido encontro.

Em lemm-tennis iniciou também a sua actividade inscrevendo vários jogadores no «Torneio do Natal» organização do velho e glorioso Club Internacional de Foot-Ball,

Escola Commercial «Rodrigues Sampaio»**Caixa Escolar «Adolfo Coelho»**

Os corpos gerentes desta importante Caixa Escolar para 1933 ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral

Presidente—Dr. Ilidio Elias da Costa.

Secretários—Carlos Anjos Bouniz e José Maria d'Almeida Pinto.

Direcção

Presidente—Henrique Silva Fino.

Vice-Presidente—Paul Pigassou.

Tesoureiro—Anibal Amaro Matos.

Vogais—Maria Claudina e Cristovão da Gama Cardoso.

Conselho Fiscal

Francisco José Ramos Abreu, Antonio Pereira de Souza e Pedro Camilo.

CURSOS DOS LICEUS**AULAS INDIVIDUAIS**

Explicações a alunos do liceu, responsabilizando-se pelo aproveitamento.

R. Campo de Ourique, 174